



## **Transição agroecológica e agricultura familiar em Lagoa de Itaenga – PE** *Agroecological transition and family farming in Lagoa de Itaenga - PE*

FERREIRA, Gizelia Barbosa<sup>1</sup>; SILVA, Janaina Nair<sup>2</sup>; FREITAS, Maria José de<sup>3</sup>;  
SILVA, Anibia Vicente da<sup>4</sup>; CARVALHO NETO, Moisés Felix de<sup>5</sup>; SILVA, Tiago  
Edvaldo Santos<sup>6</sup>

<sup>1</sup>IFPE – *Campus* Vitória de Santo Antão, gizelia.ferreira@vitoria.ifpe.edu.br; <sup>2</sup>Diocese de Pesqueira, janainaarual@hotmail.com; <sup>3</sup>ASSIM, freitas87-@hotmail.com; <sup>4</sup>IFPE – *Campus* Vitória de Santo Antão, anibia.vicente@vitoria.ifpe.edu.br; <sup>5</sup>UFRR, moises.fcn@gmail.com; <sup>6</sup>AMA TERRA, tiagoedvaldo@hotmail.com.

### **Eixo temático: Manejo de Agroecossistemas de base ecológica**

**Resumo:** Os camponeses da Zona da Mata Norte de Pernambuco enfrentam a centenas de anos limitações para produzirem e se reproduzirem socialmente. A Agroecologia surge ali através das ações de diversas organizações como uma estratégia para melhorar a qualidade de vida no rural. Assim, esse estudo teve como objetivo caracterizar os sistemas de produção em transição agroecológica nas Comunidades de Imbé, Marreco e Sítios vizinhos buscando posteriormente construir alternativas para as demandas. Foi realizado nas comunidades rurais de Marrecos, Imbé e sítios vizinhos, localizadas no município de Lagoa de Itaenga, no estado de Pernambuco e foi dividido em três etapas: DRP e análises de solos, Construção de ações, Avaliação e retroalimentação. As famílias destacaram a falta de acesso a terra, água e proximidade dos monocultivos de cana como principais limitações para a produção, com impacto negativo na permanência das famílias no campo, na produtividade e na estabilidade dos sistemas produtivos.

**Palavras-chave:** estabilidade; autonomia; resiliência; produtividade; multifuncionalidade.

**Keywords:** stability; autonomy; resilience; productivity; multifunctionality.

### **Introdução**

A Zona da Mata de Pernambuco é conhecida historicamente como um mar de cana-de-açúcar de Norte a Sul, mas desafiando esse sistema muitas famílias agricultoras têm buscado alternativas para a produção de alimentos saudáveis, visando não só o consumo da família, como também a comercialização para os mercados locais e territoriais.

Na Mata Norte, a organização fundiária da agricultura familiar são os minifúndios, com limitação no acesso a terra e a água. A Agroecologia aqui surgiu há mais de 20 anos através de projetos realizados por diversas organizações não-governamentais como o Centro Sabiá e o SERTA, baseados principalmente em processos endogênicos, com ênfase na participação social e na organização comunitária. Esses processos estimularam a produção de alimentos para o consumo das famílias e a comercialização do excedente em uma rede de feiras na região metropolitana de Recife, dando visibilidade a luta desses/as agricultores/as.



As famílias optaram pela produção de hortaliças aproveitando o regime pluviométrico que era mais estável, fato esse que vem mudando nos últimos anos e dessa forma os sistemas começam a apresentar limitações. As limitações também são decorrentes de um processo de transição que continua com um custo energético muito alto, ocasionado principalmente pela dependência de insumos como o esterco que vem de outras propriedades. A transição agroecológica é um processo contínuo de transformação do agroecossistemas, buscando níveis mais altos de estabilidade, resiliência, produtividade, autonomia, adaptabilidade, entre outros aspectos que tangem a perspectiva de “sustentabilidade” (MASERA et al., 1999). A substituição de insumos e de algumas práticas é um dos passos, mas não se encerra aí, é necessário aprofundar as mudanças e promover o redesenho desses agroecossistemas construindo alternativas específicas para as dinâmicas ecológicas, socioculturais e econômicas que surgem (GLIESSMAN, 2001).

A pesquisa participativa e a pesquisa ação são caminhos para promover uma reflexão das famílias sobre suas dinâmicas em diferentes escalas de atuação (propriedade, comunidade e território) e podem ser desenvolvidas utilizando ferramentas baseadas no Diagnóstico Rural Participativo – DRP (VERDEJO, 2006) com o objetivo de construir conhecimentos coletivamente e dialogicamente (autoanálise e autodeterminação). Dessa forma, o objetivo desse trabalho foi caracterizar os sistemas de produção em transição agroecológica nas Comunidades de Imbé, Marreco e Sítios vizinhos buscando posteriormente construir alternativas que impactem positivamente nas condições socioeconômicas e ecológicas, contribuindo consequentemente na segurança alimentar e nutricional das famílias.

## **Metodologia**

A pesquisa foi realizada nas comunidades rurais de Marreco, Imbé e sítios vizinhos, localizados no município de Lagoa de Itaenga, na Zona da Mata Norte do estado de Pernambuco, com dezessete famílias agricultoras. A etapa detalhada nesse resumo expandido traz um recorte da pesquisa, apresentando os dados do Diagnóstico Rural Participativo (VERDEJO, 2006) realizado com quatro famílias, utilizando como critério o maior tempo de transição agroecológica. As fases posteriores foram a construção de ações baseadas no DRP, a avaliação e o encaminhamento de novas demandas (retroalimentação).

## **Resultados e Discussão**

As quatro propriedades têm uma área média de aproximadamente 1,7 hectares, caracterizando-se como minifúndios, com média de oito pessoas por propriedade, todas produzindo utilizando técnicas de manejo de base ecológica a mais de cinco anos, com distintos graus de evolução, limitadas e/ou potencializadas por diferentes fatores, com destaque para a mão de obra familiar dedicada à atividade, o acesso a terra e a água.



As famílias desenvolvem diversas atividades voltadas principalmente ao cultivo de hortaliças, com mudas produzidas no local e sementes compradas nas casas agropecuárias do município vizinho, Vitória de Santo Antão, mas também produzem frutas, mandioca, feijão, milho e jerimum para o consumo das famílias e para a comercialização.

A criação de galinhas caipiras/capoeira com dupla aptidão (postura e carne) é feita por três famílias com o objetivo de autoconsumo e comercialização: duas famílias comercializam na rede de feiras do Espaço Agroecológico e uma na comunidade. A alimentação das aves é realizada com ração até o segundo mês e depois retirada totalmente e substituídas por milho (xerém), resíduos de hortaliças e casca de mandioca até o período da comercialização. A Família 04 não tem criação de aves e possui apenas um bovino criado em sistema confinado, uma vez que não há área para pasto.

Entre as estratégias de manejo utilizadas (Figura 01) está o uso do esterco bovino que é comprado dos poucos vizinhos que têm criações, sendo uns dos principais insumos utilizados (juntamente com as sementes), componente que causa uma alta dependência das famílias e limita a produção em determinados períodos, já que os outros horticultores orgânicos das comunidades vizinhas também dependem do esterco produzido pelos mesmos criadores. Esse fato implica diretamente na produtividade, mas promove impactos na estabilidade e na autonomia do sistema produtivo, pois é a única fonte de nutrientes para os cultivos utilizados pela maioria das famílias das comunidades, mas que eles não têm o controle, ressaltando que ainda não utilizam outras técnicas para melhorar a qualidade do solo, seja compostagem, adubação verde, biofertilizantes, entre outros possíveis, com exceção da família 02.





**Figura 01.** Estratégias utilizadas para manejo dos agroecossistemas. Lagoa de Itaenga, 2019.

Na família 02, o jovem agricultor fez um curso técnico em Agroecologia na organização não-governamental Serviço de Tecnologia Alternativa – SERTA, e ressaltou que através dessa formação aprendeu diversas técnicas de manejo que lhe subsidiam na conservação do solo e água de sua propriedade, como as curvas de nível e o uso de cobertura morta e verde.

Outro fator observado pelas quatro famílias é que a intensificação, uma das características da produção de hortaliças, aliada a pouca disponibilidade de terra para rotações ou pousio, tem produzido uma pressão de seleção nos agroecossistemas e promovido o surgimento de insetos que causam danos e doenças recorrentes a cada ciclo das culturas, não atingindo um nível grave de dano econômico, mas já causando a preocupação.

Em relação ao processamento e beneficiamento, todas as famílias processam e/ou beneficiam parte da produção, sobretudo as frutas e principalmente através do grupo de mulheres da Associação dos Produtores Agroecológicos e Moradores das Comunidades de Imbé, Marrecos e Sítios vizinhos – ASSIM, que tem uma cozinha industrial, e/ou nas próprias casas de forma artesanal, produzindo principalmente bolos, pães, biscoitos e polpa de frutas.

Vale destacar também a casa de farinha, pois esse espaço que pertence à família 01, também é utilizado pelos vizinhos para o processamento e beneficiamento da mandioca, produzindo assim farinha, fécula, beiju e massa fermentada para bolo, sendo uma atividade tradicional da comunidade no qual as famílias se reúnem para descascar a mandioca, cortá-la, processá-la e durante essa dinâmica acontecem diversos diálogos, músicas e aprendizagem de técnicas que permitem a manutenção da cultura local e dos saberes tradicionais. Os produtos são comercializados essencialmente nas feiras da Rede Espaço Agroecológico na região metropolitana de Recife com o apoio dos projetos executados pela organização não-governamental Centro Sabiá e em outros espaços a partir da iniciativa dos/as próprios/as agricultores/as.

Outro fator negativo que destacam é o sistema de cultivo da propriedade vizinha, uma monocultura de cana-de-açúcar que vem causando diversos prejuízos a essa família (e outras da comunidade) principalmente nos períodos de queima da cana e na aplicação de agrotóxico que chega pelo vento (deriva) a sua lavoura (a usina também utiliza pulverização aérea).

Por terem pouco acesso à terra e à água, algumas famílias têm reduzido a produtividade e muitas têm deixado de produzir nos períodos mais secos afetando diretamente na segurança alimentar e na geração de renda. A falta de acesso à terra impossibilita que as famílias mais numerosas se estabeleçam nas propriedades e consigam renda para viver da sua produção, estimulando assim a pluriatividade



(Família 02) e o êxodo rural definitivo e/ou temporário (Famílias 01 e 03). O jovem agricultor da família 02 confirma essa limitação, afirmando que, em sua percepção a área utilizada não supre as suas necessidades de produção e nem seus sonhos, como o de possuir uma área aonde possa implantar um Sistema Agroflorestal - SAF. A Família 04 também ressaltou o acesso à terra como limitação, pois possui ao todo 1,26 hectares que é herança da família.

## Conclusões

Os dados apresentados mostraram limitações em diversos componentes, alguns históricos, como o acesso a terra e a água e outros técnicos, como a incidência de pragas e doenças, dependências de insumos externos como esterco, sementes, ração, como também o impacto causado pela proximidade aos monocultivos de cana de açúcar como a queima, os agrotóxicos, os adubos químicos e a mão de obra semiescravidada.

As seguintes fases do projeto permitiram construir com as quatro famílias ações teóricas e práticas em relação a algumas limitações técnicas. Nessa etapa ocorreram cursos, oficinas, intercâmbio e práticas de campo que envolveram temas como sementes crioulas, recomposição da mata nativa em área de nascente e em áreas de recarga dos poços, preparo de caldas e biofertilizantes, manejo de pequenos animais, construção de círculo de bananeiras e foram realizadas algumas análises de solo.

Essas famílias vêm resistindo às diversas pressões sociais, econômicas e ecológicas que enfrentam desde que começaram a implantar seus sistemas de produção e apesar desses problemas, conseguem produzir, processar alimentos de qualidade e comercializá-los dando grande visibilidade à região enquanto produtora de alimentos de base ecológica, construindo uma base de conhecimento importante para manutenção de seu modo de vida e intercâmbio com outras famílias.

## Agradecimentos

Às famílias agricultoras participantes, ao CNPq pelo financiamento e ao IFPE – Campus Vitória de Santo Antão pelo apoio ao projeto.

## Referências bibliográficas

GLIESSMAN, S. R. **Agroecologia**: processos ecológicos em agricultura sustentável. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2001. 653 p.

MASERA, O.; ASTIER, M.; LÓPEZ-RIDAURA, S. Sustentabilidad y manejo de recursos naturales: el marco de evaluación MESMIS. México: Mundi Prensa, 1999. 109p.

Cadernos de Agroecologia – ISSN 2236-7934 - Anais do XI Congresso Brasileiro de Agroecologia, São Cristóvão, Sergipe - v. 15, no 2, 2020.



VERDEJO, M. E. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático DRP. Brasília, DF: MDA/Secretaria da Agricultura Familiar, 2006. 62 p.